

INTELECTUAL, EDUCADOR E MILITANTE



In memoriam de Edmundo Fernandes Dias (1943-2013)

Homenagem significa prova de respeito e admiração. No caso de Edmundo Fernandes Dias sobram razões para isso. E todas elas advêm da necessidade de reconhecer e agradecer ao trabalho, a solidariedade, a dedicação e a coerência de um marxista a quem chamamos, sem receio de sermos injustos ou piegas, de *companheiro*.

Um companheiro no sentido mais caro – e histórico – do termo, que fez do legado marxista não só seu referencial teórico, mas parte de seu próprio modo de vida, fazendo da práxis a voz de sua consciência e orientadora de sua atividade política. Como poucos intelectuais, soube utilizar o materialismo histórico para decifrar a complexidade das lutas de classes – em especial no Brasil – elevando-o assim à condição de ferramenta imprescindível para a organização das lutas dos trabalhadores. E, desse modo, escreveu livros e artigos, fez teses de congressos sindicais e propôs reflexões teóricas que ocuparam espaço importante no debate marxista nacional e internacional.

A contribuição mais valiosa desse companheiro, contudo, talvez não esteja em sua produção teórica. Seu ensinamento maior e mais profícuo esteve sempre vinculado a sua presença incansável na militância política ao lado dos trabalhadores, não importando se o chamado advinha dos setores mais organizados do movimento ou daqueles que apenas começavam a se organizar. A resposta de Edmundo era sempre

afirmativa: “podem contar comigo”. Ensinou-nos, ademais, que no embate político sempre haverá opositores, e que se estes ainda se olharem nos olhos, é sinal de que permanece a dignidade na luta.

E olhar nos olhos era uma grande qualidade do companheiro em questão, que não poupava os adversários da crítica – com seu peculiar tom provocativo –, mas num sentido construtivo que impulsiona o pensamento e a ação. Além de seus interlocutores no meio acadêmico e na militância política, e inspirado por Antonio Gramsci, Edmundo procurava também enxergar as classes subalternas na sua multiplicidade permeada por contradições, nas suas necessidades e nos grilhões historicamente impostos a elas, tentando, de alguma maneira, permitir-lhes ter *voz própria*:

É preciso responder uma pergunta que atormenta o cérebro dos combatentes pelo socialismo: *Pode o subalterno falar? Pode e deve*. O que significa a fala do subalterno? Significa que ele constrói seu olhar, seu projeto. A fala do subalterno não pode ser aquela de alguém que queira “dar voz a quem não tem voz”. Porque quem dá voz à quem não tem voz, dá a sua voz. O subalterno ao construir a sua inteligibilidade do real demonstra duas coisas: *somos todos intelectuais e que falar com sua voz, olhar com seus olhos, significa a revolução: a efetivação do projeto socialista, único capaz de criar uma nova sociabilidade para além e contra o capital.*¹

Sua presença nesses diferentes espaços e tempos foi contribuindo para a formação de diversas gerações de militantes das classes subalternas, visando sempre ao fortalecimento dos intelectuais orgânicos da classe trabalhadora e ao avanço na organização política das massas. Muitos de nós presenciamos e compartilhamos de suas arguições refinadas, provocativas ao debate politizado em disputas de assembleias, exposições em seminários acadêmicos, em negociações com patrões.

No campo da educação, onde Edmundo passou boa parte da vida, destacou-se por sua militância em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade socialmente referenciada, tornando-se uma liderança importante no movimento docente e sindical. Como docente, não se conformava com a lógica produtivista reinante na universidade e, principalmente, com o descompromisso crescente dos intelectuais acadêmicos frente aos desafios das lutas sociais de seu tempo. Essa foi uma das razões pelas quais, na segunda metade da década de 2000, ajudou a idealizar e fundar a Associação Brasileira de Educadores Marxistas (ABEM), da qual foi seu primeiro Coordenador Nacional (2009- 2011). Pois como dizia Edmundo, todo *educador* (em sentido amplo) deveria atuar na elaboração dos conhecimentos necessários para a implementação de soluções e resolução dos problemas do conjunto das classes populares.

¹ Dias, Edmundo Fernandes. “A crise e o projeto socialista”. Revista Inscrita, nº 12, 2010.

E se na práxis não se separam teoria e prática, não poderíamos senão homenagear Edmundo nos direcionando ao conjunto de sua militância e produção teórica; às duas dimensões inseparáveis da vida desse militante marxista, que, como ninguém, esteve presente sempre onde deveria estar, muitas vezes à custa de sua saúde, tão debilitada nos seus últimos anos de vida.

Por toda essa trajetória como professor, intelectual, sindicalista e militante incansável, prestamos esta homenagem ao companheiro Edmundo Fernandes Dias, que nos deixou no dia 03 maio de 2013. Uma forma de explicitar nosso reconhecimento e admiração, para que possamos sossegar nossos corações e mentes e simplesmente lhe dizer OBRIGADO por ter sido este nosso COMPANHEIRO de todas as horas e de tantas lutas. Nas palavras de Brecht nos vemos contemplados para expressar o que sentimos:

Há homens que lutam um dia, e são bons; há homens que lutam por um ano, e são melhores; há homens que lutam por vários anos, e são muito bons; há outros que lutam durante toda a vida, esses são imprescindíveis.

Sueli Guadalupe de Lima Mendonça
Lívia de Cássia Godoi Moraes
Lalo Watanabe Minto

